



## **Escatologia Indígena: Um Elemento do Patrimônio Cultural Religioso dos Tenonde Porã**

### **Indigenous Eschatology: An Element of the Religious Cultural Heritage of the Tenonde Porã**

COSTA, Carlos André<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Os Tenonde Porã têm um patrimônio cultural religioso ímpar, eles creem em um deus único, creem em uma escatologia e levam sobre seus ombros o pesado fardo de proteger sua cultura como forma de evitar uma catástrofe de proporção mundial que traria o fim de toda vida na terra, eles se apresentam como o eixo de equilíbrio do cosmo e lutam para conservá-lo em perfeito funcionamento. Portanto, são guardiões de todo um sistema vital que pode se quebrar caso seu patrimônio cultural se perca, ou, os guarani sejam extintos, diante de tudo isso, lutam contra a integração que o homem branco tenta impor sobre eles para que não percam seus costumes afim de proteger a humanidade do fim de todas as coisas.

**Palavras-chave:** Patrimônio cultural. Indígena. Religião. Escatologia. Tenonde Porã.

#### **ABSTRACT**

The Tenonde Porã have a unique religious cultural heritage, they believe in a single god, believe in eschatology and carry on their shoulders the heavy burden of protecting their culture as a way of avoiding a catastrophe of worldwide proportions that would bring the end of all life in earth, they present themselves as the balance axis of the cosmos and fight to keep it in perfect working order. Therefore, they are guardians of an entire vital system that can break down if their cultural heritage is lost, or the Guarani are extinct, in the face of all this, they fight against the integration that the white man tries to impose on them so that they do not lose their customs. in order to protect humanity from the end of all things.

**Keywords:** Cultural heritage. Indigenous. Religion. Eschatology. Tenonde Pora.

---

<sup>1</sup> Professor, Escritor, Graduado em História, Especialista em Arqueologia, Mestre em Teologia; Doutor em Filosofia Cristã.

## 1. INTRODUÇÃO

A cultura tem um grande poder de influência inclusive, sobre o trabalho, sobre a produção e sobre as relações sociais, é a partir desse ponto de vista que esse estudo se desenrola, este artigo fala um pouco daquilo que se prova ser a força natural mais influente na vida de um ser humano, a cultura, e em especial a dimensão religiosa.

A pesquisa foi realizada em uma pequena comunidade indígena Mbya chamada Tenonde Porã, de língua guarani, situada no extremo sul de São Paulo, no bairro de Parelheiros, para ser mais exato, na área denominada de Barragem, essa área indígena mede apenas 26 hectares em meio a uma extensa área de mata atlântica, onde podem ser encontradas diversas espécies de aves vestindo cores variadas e de diversos tamanhos, entre elas o tucano se destaca. Há também várias cachoeiras, e uma cratera de 35 milhões de anos feita pela queda de um meteorito.

Na região, também estão em uma comunidade próxima aos Tenonde Porã, os Krukutu, também de língua guarani e que vive de forma mais isolada, porém esse material trata apenas do primeiro grupo. Essas duas comunidades representam os ajuntamentos mais antigos da região, porém, temos atualmente algumas outras comunidades indígenas florescendo no extremo sul da cidade de São Paulo, e que comungam de uma mesma cultura imaterial.

## 2. SOBRE OS TENONDE PORÃ E SEU PATRIMÔNIO

Antes de prosseguirmos vale apenas observar como Brayner define Patrimônio cultural: *“O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.”* (BRAYNER; 2012, p. 12)

Para o levantamento dos dados que expressam aqui o patrimônio cultural dos Tenonde Porã, houve uma grande contribuição de índios considerados profundos conhecedores de sua própria história e cultura, de seu patrimônio material e imaterial,

como por exemplo; o cacique, pajés e professores indígenas de língua guarani, a fim de buscar informações diretas da fonte.

Essa comunidade tem em média uma população de 900 a 1.200 pessoas (varia de acordo com as migrações) e vive da agricultura de subsistência, do artesanato e de algumas doações. O que há de fato de relação entre esses índios e os juruás (não índios) nada mais é que um vínculo exploratório, onde ONGs, universidades, e estado, buscam colher desses nativos o que lhe restou, sua própria convicção, sua própria identidade, seu patrimônio cultural, sua fé.

Abordamos aqui o patrimônio cultural religioso dos Tenonde Porã como sendo: uma herança imaterial, toda transmissão cultural relacionada ao sagrado, valores, símbolos e identidade. Enfim, um dos objetivos desse artigo é simplesmente expor a crença desse grupo mostrando quão importante para eles é a preservação e o reconhecimento de seu patrimônio cultural, que se apresenta para seus membros como sendo mais importante que sua própria vida em prol de um bem muito maior que eles mesmos.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/>

Para os Tenonde Porã seu patrimônio imaterial diz-respeito a sentimentos de unidade e não de diversidade, a religiosidade e etnia, às características fundamentais de seu grupo humano, visão e conhecimento que se tem de si mesmo, expressões simbólicas como rituais por exemplo.

As políticas públicas, de forma declarada ou não, buscam integrar o índio guarani Tenonde Porã a crença proveniente do europeu, ao sistema capitalista mercantil e além de tudo isso, como não poderia deixar de ser, como método para chegar a esse fim, tentam sepultar toda sua bagagem patrimonial, história e memória indígena através de uma educação que se tenta implantar, e que vai de encontro aos ideais da essência indígena Tenonde Porã.

No século XIX, ainda no império de D. Pedro I, no sertão de Santo Amaro, como era chamado a região de Parelheiros, próximo ao litoral atlântico, germânicos

tentam estabelecer uma colônia que parece não ter tido sucesso<sup>2</sup>, porém um pequeno grupo resistiu até os dias de hoje. Durante esse período povos guaranis Mbya habitavam o sertão de Santo Amaro como também onde hoje está localizado Itapecerica da Serra e no litoral sul e norte, porém são poucos citados nos documentos da época. Esses índios Mbya, parece que por muito tempo foram confundidos com estes germânicos.

É sabido que a tribo Tenonde Porã atualmente é composta por índios vindos de várias partes do Brasil, sobretudo de Minas Gerais e Paraná, porém, estes se juntaram com os índios locais Mbya. No século passado pelo menos uma parte deles foram pessoas em situação de rua, residente na ponte do socorro.

Ao conhecê-los bem, não dá para vê-los com um olhar frio e etnocêntrico, depois de um contato direto com esses índios, só dá para chegar à conclusão de que seu patrimônio cultural religioso (sabedoria) ainda é, apesar de tudo, vivo, visível e atuante em toda área do viver desse povo. Este texto sobre seu patrimônio cultural religioso, foi escrito pela ótica da própria comunidade, a fim de entender como os índios desse grupo olham para si mesmos, e como se interpretam no tempo.

Trataremos nessa pesquisa dos mais diversos assuntos que fazem ponte ao tema em questão. Desta forma, iniciaremos nossa breve viagem pelo religioso e místico indígena Tenonde Porã.

Parece ser necessário um mínimo de convivência possível com esse povo, assim como fez o antropólogo Darci Ribeiro e sua esposa, a historiadora Berta Ribeiro, para uma melhor compreensão de suas crenças e hábitos, caso contrário, ficaria muito difícil para alguns (mas não impossível) entenderem seus motivos, suas crenças e a forma de viver dos Tenonde Porã.

Acima de qualquer lição, tudo que encontramos sobre esses índios, nos faz reconhecê-los como um povo completo em ciência, fé, ordem e educação, ou seja, um patrimônio riquíssimo. Foi justamente essa verdade que o etnocentrismo

---

<sup>2</sup> A professora e especialista em História e cultura no Brasil, Nairan Pereira Costa de Nanes, aborda esse assunto com detalhes em seu artigo "A Tentativa de Colonização Germânica no Sertão de Santo Amaro"

(eurocentrismo) não deixou os europeus enxergarem, os índios foram vistos como sub-humanos, e até hoje parecem ser tratados como tal.

Os valores que esse grupo tenta manter atualmente, de forma interna não podem ser tidos por relativos porque são, acima de tudo, parte de uma regra criada por Nhanderú Tenonde, o deus dos guarani, portanto, são valores invioláveis e aplicáveis em toda área do viver desse povo; o social, a política e a economia são regidas pelos princípios fundamentais da religião Tenonde Porã.

Essa comunidade do extremo sul de São Paulo não desfrutava de energia elétrica, e suas casas eram cobertas de sapê, mas hoje se pode encontrar em algumas residências de índio, vários tipos de eletrodomésticos, como também meios de transportes motorizados, telefones celulares etc., Porém, toda essa tecnologia não impediu que esse povo criasse e educasse seus filhos o mais próximo possível do ambiente familiar, em contato com a natureza, na pesca, na caça e na atividade agrícola, fundindo todo seu fazer aos seus princípios básicos religiosos com fortes traços tradicionais.

A partir daqui podemos fazer, ainda que superficial, uma análise do macro, ou seja, tentar entender as demais comunidades e povos indígenas existentes. Se esses nativos brasileiros detêm culturas tão ímpares, então essa pesquisa servirá de ferramenta auxiliar de compreensão do indígena como um todo. Talvez no final dessa análise, ficará mais fácil entender que em primeiro lugar os grupos indígenas não devem ser somente analisados em uma perspectiva geral, os índios Tenonde Porã se interpretam de forma muito particular quando o assunto é a religiosidade (sabedoria). Mesmo aqueles elementos que parecem estar totalmente desassociados do religioso, firmam suas bases nas crenças do sobrenatural Tenonde Porã.

### **3. A ESCATOLOGIA TENONDE PORÃ**

A definição para a palavra escatologia segundo o minidicionário Gama Kury é a doutrina das coisas que devem acontecer no fim do mundo, e o dicionário contemporâneo da língua portuguesa também traz a mesma ideia, porém, de uma

forma mais completa; ele define escatologia como doutrina sobre o fim dos tempos e da história e sobre o destino último dos homens e da terra.

Os Tenonde Porã pregam sermões que têm girado em torno da escatologia, ideias que falam do término de todas as coisas, essas ideias também estão presentes nos discursos de muitas religiões ocidentais.

Aqui está proposta uma nova forma de olhar e interpretar o índio. Veremos a frente que também os Tenonde Porã creem em uma escatologia assim também como o povo tupi. “A destruição do mundo é outro tema importante da religiosidade tupi.” (Prezia; 2000, p. 73).

É espantosa a diversidade em sua particularidade ou semelhança, de ensinamentos sobre assuntos escatológicos, os diversos líderes religiosos em torno do mundo pregam a escatologia de acordo com suas filosofias. Como bons religiosos que esses índios são, não poderiam ficar de fora dessa onda de profecias sobre o fim de todas as coisas.

Não dá para negar que as questões escatológicas em qualquer religião estão intimamente ligadas a crença da vida após a morte. Benedito Prezia e Eduardo hoornaert em sua obra “Brasil Indígena: 500 Anos de Resistência” escrevem o seguinte: “(...) O homo neanderthalensis (...) provavelmente acreditava em outra vida após a morte ou na influência dos mortos sobre os vivos, pois enterrava seus mortos.” (Prezia; 2000, p. 12).

Segundo o trecho acima, desde o período denominado pré-história havia entre os primeiros “homens” fé em um mundo extraterreno, mundo dos mortos, dos ancestrais, onde o homem em carne não poderia jamais alcançar.

Quando o homem passa a pensar em um plano espiritual, e se preocupa com o pós-morte acreditando em um destino eterno, então se faz duas perguntas; a primeira é: para onde vou? E conseqüentemente, inevitavelmente surge a segunda pergunta: de onde vim? Quando se concebe essas duas perguntas se abre uma porta para diversos outros questionamentos, não só relacionado a si mesmo de uma forma direta, mais também voltado para o que há ao seu redor.

“Se já podemos ver religião entre os primeiros seres humanos, isso se deve a sua característica de esforço para explicar o mundo e o universo. Toda sociedade ao longo da história se preocupou com suas origens, com a própria origem da espécie e com os mistérios da morte.” (Silva; 2013, p. 354-5)

Atualmente na falta de uma resposta satisfatória de caráter científico sobre o início de tudo o que conhecemos, apelamos para a religião. As respostas científicas que temos sobre nossa própria existência são insatisfatórias para muitos; ouvimos dizer que a teoria que tenta explicar o surgimento de tudo deixa algumas grandes lacunas.

Não dá para querer ridicularizar a crença e o patrimônio cultural religioso dos Tenonde Porã por acreditar em vida após a morte e em eventos cataclísmicos que traria o “fim do mundo”, sem antes tentar entendê-la. A verdade é que o não entendimento dos códigos e da filosofia desses índios, ou até mesmo de outras religiões mais comuns- antigas ou recentes desse presente século- traz elementos que parecem tão tolos, que fica difícil conceber com a mente do homem moderno, o “Homocientificus”, então a desprezamos.

O autor Ronaldo Vainfas diz em sua obra: “a influência, direta ou indireta da escatologia cristã parece quase sempre indubitável.” (Vainfas; 1995, p.36) Vainfas de fato acreditava que a questão escatológica do cristianismo estava presente no patrimônio cultural religioso indígena.

Ao comparar os contos escatológicos da tribo Tenonde Porã com a escatologia cristã, realmente é possível fazer ligações entre ambas, mesmo que uma grande parte dos Tenonde Porã não consiga admitir essa possibilidade.

No parágrafo acima é usado a expressão “uma grande parte dos Tenonde Porã” porque esse grupo indígena, apesar de sua unicidade filosófica, se divide em algumas linhas de pensamento, exemplo disso, volto a dizer, é que uma pequena parcela desses índios considera o Deus cristão o mesmo do guarani.

A humanidade, em todas as épocas da história buscou sentido para sua própria existência. Em todas as culturas, nações, tribos e religiões, pregam-se ideias isoladas sobre o futuro da humanidade; alguns afirmam que a raça humana será

extinta de forma progressiva, outros acreditam com base em pesquisas científicas que um desastre fatal de mega impacto acontecerá num tempo muito breve.

Até mesmo a ciência parece prevê o fim de todas as coisas:

“O efeito estufa pode ser considerado a ameaça mais séria ao nosso planeta. No futuro, a Terra corre o risco de não se tornar mais um lugar habitável para o ser humano. (...) Não podemos nos assegurar contra todas as eventualidades do cosmo, mas devemos tentar não plantar as sementes da própria destruição.” (Pearce; 2013, p.65)

Um dos boatos que circulou na internet foi o fim do mundo no dia de 21 de dezembro de 2012. Os autores dessas publicações se basearam em uma equivocada interpretação do calendário do povo Maia que foi uma civilização de índios pré-colombianos, que habitavam em 1492, ano da chegada de Cristovam Colombo na região central da América.

Os “pensadores” dos dias de hoje, os especuladores, vêm levantando questões sobre o tão temido (ou esperado) fim, comparando os acontecimentos como catástrofes, e mudanças climáticas, que podem demonstrar algum tipo de desequilíbrio (segundo eles); esse desequilíbrio resultaria em uma desarmonia total, provocando o fim.

Sem dúvida alguma, a religião tem sido a mãe da escatologia, não se pode negar que como tantas outras, a religião dos Tenonde Porã está infestada de objetos escatológicos.

Se nós (não índios) brasileiros, que nos sentimos tão superiores e racionais em relação aos índios guarani, temos expressado a crença no misticismo escatológico, não iremos ou devemos desprezar os Tenonde Porã por ter uma crença forte do fim de todas as coisas.

Também no final do século e milênio passado, ano de 1999, ano negro do sec. XX, houve um grande alarido por conta da profecia de Nostradamus, em que previa o fim do mundo. Essa onda escatológica não é coisa nova e vem de muitos lugares e culturas.

Existe uma ideia filosófica entre os índios da tribo em questão, a qual será explicitada a seguir com o objetivo de nos ajudar a entender seus valores e

pensamentos que justifiquem suas crenças. O mundo real metafísico e o mundo material ilusório<sup>3</sup>.

O mundo real metafísico corresponde aos valores e condutas, sentimentos e atos (segundo essa filosofia, esses elementos são mais importantes, de maior valor, que qualquer outro elemento material). Já o mundo material ilusório, totalmente oposto, atribui valores a coisas palpáveis, porém, as maiores e as mais básicas necessidades humanas são de ordem abstrata, metafísica e subjetiva (segundo essa filosofia religiosa Tenonde Porã).

O mundo físico (mundo material ilusório) seria para esses índios de menor importância que aquele que estaria por vir (terra sem mal extraterrena), e também menos importante que o mundo real metafísico, que corresponde aos sentimentos e ocultas abstrações. Esse mundo externo ao homem seria um lugar de preparação, onde o guarani se aperfeiçoa para um plano de vida mais elevado, e é por crerem nisso que os Tenonde Porã se sentem assegurados da catástrofe que eles acreditam que certamente ocorrerá.

Entre os tupis também permeia a mesma ideia: “Para os Tupis a vida é passageira, sendo o outro mundo o verdadeiro, o real. O mundo em que vivem é apenas um reflexo do verdadeiro, que recebeu o nome de Terra sem Males.” (Prezia;2000, p. 73) eles preparam seus espíritos que estão no plano do mundo real Metafísico para esse fim, policiando seus sentimentos seus desejos e observando as ordenanças de Nhanderu Tenonde<sup>4</sup>

O Vera Tuxu Popygua (trovão), ex-cacique dos Tenonde Porã (e atual cacique em outra comunidade indígena), narra uma história ao autor do presente artigo, que retrata as causas do fim de todas as coisas:

“... sere humano, ela como se fosse uma grande árvore, grande raiz que nasce e tem vários ramos, é por isso que a gente tem hoje vários etnias, mas nós temos mesmo origem mas é a forma de agradecer diferente, então o guarani vivi, o Nhanderu deu conhecimento, ele disse: manter sua cultura

---

<sup>3</sup>Os termos mundo real metafísico e mundo material ilusório, jamais foram empregados entre os Tenonde Porã. Fez-se necessário o uso dessas expressões apenas para facilitar a ilustração, pois não foi encontrada uma palavra entre as mais comuns que se adequasse a ideia.

<sup>4</sup> Único deus dos Tenonde Porã

viva, enquanto existir o guarani, sua cultura, seu canto sagrado, eu vou iluminar a terra sempre, no dia que o guarani esquecer de sua cultura tornara escuro então por isso que a gente sempre...” (Arquivo do autor)

Após essa fala, ele foi interrompido pelo entrevistador com a seguinte pergunta: então virá o fim? E ele confirma dizendo: “é”.

Segundo o cacique Vera Tuxu Popygua, os guarani são o eixo de equilíbrio que mantém a dinâmica do perfeito funcionamento do cosmo. Eles acreditam que a conservação de sua cultura é uma questão de sobrevivência ou de continuidade das espécies animais e do gênero humano.

Sendo assim emana do guarani o equilíbrio, e por isso pode haver uma grande preocupação entre esses índios por saber que ao longo de quinhentos e alguns anos, a ação dos exploradores de espírito capitalista fez desaparecer o guarani quase de forma total, ameaçando a existência da humanidade, só atualmente, nas últimas décadas, o guarani reaparece quase que das cinzas para continuar cumprindo com seu papel de guardião da vida na terra. Não seria unicamente o orgulho de ser índio que impulsionaria a luta pela sua conservação, e sim, essa missão, a missão de guardar a humanidade do fim do mundo.

Não são somente os Tenonde Porã que pregam uma escatologia, os Yanomami também acreditam no fim de todas as coisas. Segundo o Benedito Prezia e Eduardo Hoornaert, na obra “Brasil Indígena: 500 anos de resistência” em depoimento, o pajé Davi Kopenawa faz uma relação do mal que a exploração de minérios na região causava ao ambiente com uma escatologia Yanomami.

““Você dizer o que nós pensamos. Nós chamamos estas epidemias de xawara. A xawara mata os Yanomami. Quando a fumaça chega ao peito do céu, ele começa também a ficar muito doente, ele começa a ser atingido pela xawara. A Terra também fica doente. E mesmo os hekurabe, os espíritos auxiliares dos pajés, ficam muito doentes. Mesmo Omame (Deus) está atingido. Não queremos morrer. Nós queremos ficar numerosos. Mas agora que os garimpeiros nos viram e se aproximaram de nós, apesar de Omame ter guardado o ouro em baixo da terra, eles estão retirando grandes quantidades dele, cavando o chão da floresta. Por isso o xawara cresceu muito. Não é só os Yanomames que morrem. Todos vamos morrer juntos. Quando a fumaça encher o peito do céu, ele vai ficar também morrendo, como um Yanomami. Por isso, quando ficar doente, o trovão vai se fazer ouvir sem parar. O trovão vai ficar doente também e vai gritar de raiva, sem parar, sob o efeito do calor...”

Assim, o céu vai acabar rachando. Os hekurabe vão querer se vingar, vão querer cortar o céu em pedaços para que ele desabe em cima da Terra. Também vão fazer cair o sol, e quando o sol cair, tudo vai escurecer. Nós queremos contar tudo isso para os brancos, mas eles não escutam.

Nós, os pajés, também trabalhamos para vocês, os brancos. Por isso, quando os pajés todos estiverem mortos, vocês não conseguiram livrar-se dos perigos que eles sabem repelir... Vocês ficaram sozinhos na Terra e acabaram morrendo também.” (Prezia; 2000, p.87)

Não devemos jamais olhar o patrimônio cultural religioso dos Tenonde Porã com um olhar etnocêntrico, ou considerá-los alienados devido seus rituais e crença, devemos levar em conta suas origens e valores culturais. Se fizermos essas considerações veremos que esse povo ao longo da história era, como ainda é, muito bem conceituado, e não se trata de um povo ignorante quanto as questões naturais, mas sim um povo que viveu segundo a sua época no passado e seus ensinamentos romperam séculos, e ainda que configurada está no seio da comunidade em questão.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após observarmos todos os elementos do universo simbólico desses índios Mbya chegamos à seguinte conclusão: São duas coisas que poderiam ocasionar o fim da humanidade, em primeiro lugar, a extinção do guarani em sua forma humana e física na terra, e em segundo lugar, a perda de sua cultura como um todo, rezas, cântico sagrado, dança do xundaro, pajelanças, o nhemogarai, como também os demais ritos, que para esse grupo não se trata de meros movimentos, más, de uma série de elementos mágicos e morais tão poderosos que podem sustentar toda forma existente no sistema vital de nosso planeta. Dessa forma, os guarani Tenonde Porã se apresentam como protetores da vida e do equilíbrio do cosmo. A crença nessa ideia lhes-atribui uma grande responsabilidade mediante a humanidade, que não conhecedora desse motivo indígena, lutam por integrá-los a sua cultura ao qual considera superior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Francisco; CARPI, Lucia; RIBEIRO, Marcus Venício. **História da sociedade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Parma, 1985.

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial**, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 3. ed. Brasília, DF: Iphan, 2012.

BOLZAN, Aila Villela; GODOY, Cristianne; DELDUQUE, Marcelo; FERREIRA, Pedro (org). **Entre a Cidade e a Floresta**. 1. ed. São Paulo: Instituto Refloresta, 2013.

BERTAZONI, Cristiana. **A cordilheira e a floresta, Somos índios: A saga de um povo desconhecido**, Revista de História da biblioteca nacional. 1. ed. São Paulo: Ministério da educação, 2013. p. 24- 26.

CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org). **Geografias de São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

GENESIS: in: A Bíblia: João Ferreira de Almeida. 5. ed. São Paulo: geográfica, 2010.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

PREZIA, Benedito; HOORNAERT, Eduardo. **Brasil indígena: 500 anos de resistência**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2000.

PEARCE, Fred. **O aquecimento global**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

PEREGALLI, Enrique. **A América que os europeus encontraram**. 27. ed. São Paulo: Atual, 1994.

RIBEIRO, Berta. **O Índio na História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Global, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **Diários índios**. 1. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Companhia De Bolso, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

TESCH, Walter. **PARELHEIROS: O futuro é hoje!**. 1. ed. São Paulo: Companygraf, [entre 2006 e 2012].

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**. 1. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 1995.